

A História de Santa Bárbara

(CONTINUAÇÃO)

rio, tinha a volta de si muitas ruínas, talvez sensais, galpões, casas de empregados, tulhas, palcos um velho pomar, com enormes árvores, parcialmente cobertas de trepadeiras parasitas.

Com a construção do traçado da estrada de ferro, esse lugar histórico desapareceu em sacrifício do progresso.

Outro vestígio do engenho da Fundadora, existiu onde, atualmente, está instalada as Industrias Romi S. A., tendo ainda um valado, que partindo do Ribeirão dos Toledos, à altura do pontilhão da linha férrea, ia em direção a uma elevação de terra ainda com alguns mourões e muito madeirame tombado e meio apodrecidos. Talvez fora ali o engenho de açúcar da Fazenda de Dona Margarida da Graça Martins.

Em nossa infância conhecemos aquele lugar como Chacara do Juca Pio e anteriormente por Chacara do Machadoinho.

Não temos dados precisos sobre o afastamento da Fundadora de sua Sesmaria o que pode ter-se dado por volta dos anos de 1820 ou 21, vendendo parte das terras, conservando entretanto as áreas da sua fazenda e outras partes da Sesmaria onde moravam, posteriormente os seus filhos: Manoel Francisco da Graça Martins e Belchior Francisco da Graça Martins, da acreditarmos ser esta denominação Chacara do Belchior a fazenda com os seus pertences que foi habitada por Belchior Francisco o

último filho de Dona Margarida da Graça Martins.

Este esboço histórico vem a luz de farta documentação trazer a verdade sobre a Fundadora e a sua descendência com sua árvore genealógica.

Para desincanto de uns que afirmavam ser ela santista e pertencer a família dos Andradas e, a outros, ser ela descendente de Tibiriçá.

Outra lenda que chegou a ser tradição a seguinte: ser a nossa cidade, em princípio, um ex-povoado de tropas de cargueiros existentes ao lado da estrada de rodagem que liga Piracicaba à cidade de Campinas, aberta no ano de 1813 e junto às margens do Ribeirão dos Toledos.

A tradição ajud, em muito, não a regemos mas aos poucos, com o correr dos anos e das gerações, vão sendo deturpados os fatos com o aparecimento de novas verdades abocetadas no "ouvi dizer".

O escrito por mim neste relato o passado e é nele que buscamos a realidade histórica da fundação de Santa Bárbara D'Oeste.

Não temos a pretensão de ser este um relato completo mas sim elementos com os quais se torne possível a feitura de uma obra de maior envergadura e mais minuciosa. Derrubamos a floresta, juntamos a colivara, resta o cultivo do solo. Mais uma vez acentuamos: Todos os relatos são transcritos da documentação encontrada nas várias fontes já nomeadas com os comentários elucidativos.

Elas, as fontes estão aí onde poderão os estudiosos colherem mais coisas e descobrirem mais novidades interessantes.

A princípio este subsídio

não passou de um curiosidade sem maiores pretensões, mas com o correr dos tempos e o próprio desenvolvimento da busca a causa de tomarmos conhecimento e levarmos avante um estudo mais pormenorizado, sem muita profundidade todavia, pois que o tempo disponível era exíguo não nos permitindo pesquisa mais detalhada. A descontinuidade do relato se deve muitas vezes ao desaparecimento ou a má conservação dos registros não permitindo a sua leitura.

Agradecemos a benevolência encontrada nas folhas, pela descontinuidade histórica e no relato modesto do seu todo literário.

Esperamos que estes desalinhavos ajude cerebros mais férteis na composição de uma obra de maior fôlego.

O AUTOR

DONA MARGARIDA DA GRAÇA MARTINS

Quando estudamos várias personalidades femininas do passado que se destacaram pelo seu idealismo, por suas lutas em prol da grandeza de um povo, encontramos sempre um ponto comum: Firmeza de caráter e uma indomita vontade dirigida para um objetivo nada fazendo, mesmo pelo emprego da força, mudar de rumo ou estacionar em meio caminho andado.

Viveu em uma época em que o pátrio poder imperava de forma absoluta, sendo a mulher afastada de

todas as atividades comuns dentro da sociedade: Finança, comércio, indústria e as profissões liberais, ficando o seu trabalho adstrito ao lar e transgredir essa determinação ou preconceito social era um escândalo. Era-lhe negado o livre trânsito e as decisões independentes. Todas as atividades fora do lar cabiam ao elemento masculino. As viúvas e as solteiras, solzinhas, instituíam um procurador, um parente ou amigo mais achegado à família para, em seus nomes, tratarem dos seus negócios mesmo porque, via de regra, eram analfabetas.

A mulher saía do jugo, paterno para ficar, quando casadas, na dependência do marido. Aos pais pertenciam a escolha do futuro consorte de sua filha e a ela, simplesmente, a aceitação, a obediência.

Houve naqueles dias muitos casamentos de meninas, impubescentes com homens já velhos, muitas vezes doentes. Era o meio legal, na época, para o conagração de famílias e de fortunas, cabendo a mulher a sujeição.

O pai transferia o seu pátrio poder para o marido e muitas vezes completava-se um bom negócio.

Era a renúncia forçada de todos os direitos humanos onde os pensamentos da mulher dependiam da aprovação do esposo. Tudo se lhe exigia. Era a escravidão do lar.

Essa condição fatalística tornava a mulher uma resignada ao seu destino e de tal maneira que a falta do elemento masculino, da cabeça pensante, tornava-a uma desorientada, sem idéias e vontade próprias.

Era o tabu intransponível que acorrentava a mulher sem um brado de revolta ou um gesto de repulsa. Velhos tempos...

Olhando para a personalidade de Dona Margarida da Graça Martins, lendo a sua biografia, vemos que ela também sofreu com os costumes da época: seus pais a fizeram desposar, menina ainda, um velhote solteiro (ele era dono de uma loja de tecidos na rua do Jogo da Bola, hoje rua Direita). O esposo veio a falecer três anos após ao enlace, sem deixar descendência.

Talvez a ambição pelos bens do velho solteiro, sem parentes ou aderentes, fora o principal motivo dessa união.

Ficou viúva aos dezessete anos de idade.

Vendeu a loja do falecido esposo, pois era um escândalo continuar a testa do negócio, o trato diário com o público, empregados e escravos. Alienou todos os bens voltando para junto dos pais, moradores em Santos, agora já senhora de si mesma, pois que a sua condição de viúva a libertava do pátrio poder.

Animada por essa condição nova, passou a gerir os seus negócios apesar de ser isto um escândalo para a época.

O casamento não a facilitava. Tinha dele triste experiência. Entretanto por volta de 1808 voltou a convolar novamente. Seus pais já idosos, seu pai principalmente esteve muito doente, vindo a morrer em 1810, sugeriu-lhe o casamento como uma necessidade. Tinha então 27 anos e seu segundo marido 28. Era ele o Sargento Mor Francisco de Paula Martins que nada mais possuía que o

seu vistoso título, e a nobre ascendência dos Taques e Pompeos. Por parte de sua mãe, segundo Belchior Francisco da Graça Martins, tinha ele sangue do valente Tibiriçá, o chefe índio que muito auxiliou a fundação de São Paulo.

Era Francisco de Paula Martins o sexto neto em linha reta do famoso e sempre lembrado Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o historiador das Bandeiras — Ver Silva Leme em sua Genealogia Paulistana.

Ele com 28 anos e ela com 27 anos, era o casamento ideal e talvez mesmo, amor. Fora, como se vê, não mais um casamento imposto, mas um enlace de comum acordo.

Infelizmente a Pioneira não pode ter uma felicidade duradoura, pois o esposo falecia 10 anos após o casamento restando-lhe dessa união, 4 filhos, sendo o maior com 8 anos e o menor com 1 ano.

Independente, voltou a gerir os seus negócios sem contudo descurar-se da educação dos filhos. Era então uma senhora de engenho conforme os resenqueamentos de Santos, naqueles dias, o falecimento do seu pai seis anos antes, a fizera herdeira do Sítio São Jorge dos Erasmos, outrora pertencente a Martin Affonso de Souza, primeiro donatário da Capitania de São Vicente. Esse Donatário montou nesse sítio o primeiro engenho de açúcar em terras do Brasil e o primeiro alambique de aguardente de cana trazido das Ilhas. E' desse local os conhecimentos da Fundadora de industrialização do caldo de cana, para a fabricação do açúcar e do aguardente, conhecimentos

esses que muito lhe valeiram em sua Sesmaria.

Dr. Costa e Silva Sobrinho, advogado, jornalista e escritor santista, que tratou na demarcação e inventário do Sítio São Jorge dos Erasmos, cujo marco inicial encontrou após estafantes e pacíficas buscas e que depois, deixou por desacordo com uma das partes.

Doutor Costa e Silva Sobrinho possui em seus escritos cópia de todos os registros dos arquivos de Santos e São Paulo e por intermédio do nosso generoso amigo Dr. Agenor Guerra Correla obtivemos muito material para este trabalho e é desse escritor e jornalista o artigo do jornal A Tribuna de Santos em sua edição domingueira de 18 de abril de 1965, no qual diz ele o seguinte e que transcrevemos textualmente:

"... França e Horta, governador da Província, requisitara alguns praças do Regimento de Caçadores, sobretudo oficiais... O Comandante da Praça de Santos cabia a um Sargento Mor de Milícias e, excepcionalmente a outra patente."

Cerca de nove anos, por exemplo, foi comandante militar da Praça de Santos o Sargento Mor Manoel José da Graça: segundo a documentação existente no Arquivo Nacional, ele exerceu essa função durante os anos de 1796 a 1804, e a sua patente data de 7 de maio de 1792.

Nesse mesmo artigo o articulista faz alusão da venda do sítio Ipiranga na Capital Paulista, depois de

(Continua na pág. 5)

Telefônica Barbarense S. A.

T E B A S A

por seus atuais Diretores, cumprimenta as autoridades civis, militares e eclesiásticas e o povo em geral, principalmente seus acionistas e usuários, pela passagem do Primeiro Centenário desta querida Santa Bárbara D'Oeste.

Que o amor, carinho e calor dos barbarenses autênticos, continuem sendo motivação para trabalho, felicidade e progresso desta abençoada terra.

Viva Santa Bárbara D'Oeste Centenária

a) A Diretoria



Cia. Fiação e Tecelagem Santa Bárbara

Este é um dia feliz para nós, porque é 15 de junho, data em que se comemora a passagem do Primeiro Centenário desta maravilhosa cidade de Santa Bárbara D'Oeste.

Como barbarenses que somos, sentimo-nos satisfeitos, envaidecidos pelo progresso desta pujante cidade, pela posição que soube alcançar na história de São Paulo e rendemos nossas homenagens às gerações passadas pelo magnífico presente. Obrigado pelo privilégio de trabalharmos pela grandeza de seu futuro, como parcela de sua coletividade.

Escritório:

RUA S. BENTO, 279 — 9.º ANDAR — FONES, 34-2577 e 36-0652
Caixa Postal, 708 — SÃO PAULO

Fábrica:

RUA JOAQUIM DE OLIVEIRA, 246 — FONE 2550 — Caixa Postal, 12
STA. BARBARA D'OESTE